

A DISSOLUÇÃO DA IDÉIA DE CICLO NARRATIVO NA CONFLUÊNCIA DO REGIONAL E DO NACIONAL

Francisco Venceslau dos Santos (UERJ e ABF)

BRASIL, Assis. *Beira rio Beira vida*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, 177 p.

Primeiro, situando o autor e o romance. Assis Brasil tem mais de cem livros publicados, nos gêneros ficção e crítica literária. Um dos melhores ensaios sobre Faulkner é dele: *Faulkner e a técnica do romance*. *Beira rio, beira vida*, publicado em 1965, é um marco na sua obra. Com este romance, o autor teve uma boa recepção crítica, abrindo novas perspectivas para a ficção brasileira contemporânea, além de ganhar o Prêmio Nacional Walmap, patrocinado pelo banqueiro José Luís de Magalhães Lins e “Porta de Livraria”, de *O Globo*. Mais de duzentos romances, do Brasil, de Portugal e Israel, concorreram. A Comissão Julgadora estava constituída pelos escritores Adonias Filho, Oto Lara Resende e Raimundo Magalhães Jr.

Beira rio beira vida foi visto, na época, como um romance de província, em virtude de a sua ação se passar no Piauí, à beira do rio Parnaíba. Hoje pode ser incluído no que a crítica contemporânea está denominando “romance de periferia”, ou mesmo, narrativa de busca de identidade nacional pela margem, não por estar a expressão na moda, porém porque é disso que se trata. Na geografia literária de que estamos a falar, a narrativa emerge, levando em conta o paradoxo do Brasil moderno, na encruzilhada do local e do global, situação cultural onde se encaixa o país em todas as suas dimensões.

Ainda não foi suficientemente analisada a noção “fundadora” de “literatura nacional”. Hoje, as situações em que uma literatura “coincide” com uma “língua” e uma “área política” são cada vez mais raras. Uma das dimensões da Literatura Comparada foi

reagrupar as literaturas por zonas ou em função de outras unidades tornadas mais raras¹. No caso específico deste romance, podemos dizer que ele pertence à “Literatura Piauiense”. Porém, levando em conta as peculiaridades da obra e da nação, tempos e espaços culturais que se sobrepõem uns aos outros, também se inclui na “Literatura Brasileira”.

No caso em pauta, trata-se de uma narrativa da vida marginal das mulheres do cais, um porto diferente dos portos de áreas metropolitanas, no entanto um cais, com o seu movimento, riqueza e o *ethos* da prostituição ancestral. É uma saga desta área geográfica e humana, a narrativa de seu destino marcado por prazeres, momentos de angústia e de alegrias. Um destino que se rompe, vamos ver logo mais. Por outro, lado, a técnica utilizada na construção do romance é uma verdadeira novidade na literatura nacional: há uma quebra total de recursos tradicionais da narrativa, onde o tempo cronológico é eliminado, para que apenas perdure a dimensão dramática.

Voltemos à idéia de “Literatura Piauiense”, se considerarmos o contexto crítico contemporâneo da noção de “geografia literária”, e de “Literatura Brasileira”, como já dissemos, conforme a situação da nossa modernidade periférica. Existe, ainda, um dado formal relevante que coloca o romance em sintonia com o internacional e o nacional. É sua assimilação do projeto estético do Concretismo, embora estejamos em face de uma narrativa, de corte predominantemente dramático, devido à hegemonia do diálogo, e não no campo da poesia. *Beira rio beira vida* desenvolve-se num fluxo contínuo, imitando o correr das águas, as beiras do rio, a massa líquida e as ilhas de areia que se formam ao longo do Parnaíba. Os blocos de texto se constituem como ícones das águas, e das areias brancas entre os blocos, constituindo-se como imagem do movimento da água e da areia que se alternam, formando um novo.

Para reforçar esta intervenção do elemento “verbicovisual”, não há divisão em capítulos, apenas espaços em branco nas folhas de papel, as manchas pretas se alternam com os espaços brancos, aproximando-se bastante da escrita visual do Concretismo, numa época

¹ KUSHNER, Eva. Articulação histórica da literatura. In: ANGENOT, Marc (org.). *Teoria literária*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995. p. 142.

em que o trio Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari pontificavam na produção e na crítica. Este romance de Assis Brasil é um ícone do rio Parnaíba, um curso d'água que separa dois Estados do Brasil – Maranhão e Piauí – e deságua no Atlântico, em Amarração.

Acreditamos, por outro lado, que o romance permite uma interrogação não apenas em torno da sua relação com as esferas etnolinguística, geográfica e cultural, mas também com o tipo de subjetividade que instala, trazendo outra novidade – o rompimento do ciclo da prostituição, ainda pelo viés de sua linguagem regional, nacional e internacional, pela voz e pela escuta. Deste modo, estaremos discutindo a ruptura no quadro da nossa historiografia literária, e o espaço que ocupa esta produção específica, a qualidade de sua mimesis e a situação do sistema literário brasileiro.

Nós sabemos que a idéia de ciclo está presente na ficção brasileira, principalmente no “romance do Nordeste”, com os nomes de ciclo da seca, da cana-de-açúcar, do cangaço, do misticismo e do cacau, ao lado da decadência do coronelismo latifundiário. Como diz Flora Süssekind, “o termo *ciclo*, fundamental nos estudos da economia brasileira, possui, ainda no campo das ciências sociais, duplicidade que até certo ponto se mantém no seu aproveitamento romanesco”². O ciclo tornou-se um modelo romanesco básico na década de trinta, mas não é exclusivo desta época, vindo desde o tempo de Aluísio Azevedo, com a sua idéia de “família brasileira”. Por sinal, o ciclo do autor de *Casa de pensão*, que tinha por base os laços de hereditariedade e atavismo, não se realizou. A existência do modelo cíclico é defendida por romancistas, em virtude da necessidade de um romance continuar no outro, um tema precisar de vários volumes para ser desenvolvido ficcionalmente, e posta em prática de diferentes modos, na ficção brasileira contemporânea.

Assis Brasil precisou apenas de um romance para narrar o ciclo da prostituição que aprisiona mulheres ribeirinhas, existências à margem do “contrato social”, numa longa extensão de tempo, na medida em que temos, no romance, uma “família” com a sua descen-

² SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, tal romance?* Rio de Janeiro, Achiamé, 1984. p. 161

dência de mulheres “sem pai” e “sem maridos”. Trata-se de um romance híbrido, uma mistura de mimesis nos modos narrativo e dramático, de uma maneira bastante tensa e concentrada. Nele, as palavras imitam o movimento cíclico da vida no cais, o retorno da memória existencial ao tempo da escrita. Esta linha dramática atravessa a narrativa, concretizada no diálogo surdo da “voz” de Luiza com a “escuta” da filha Mundoca, que permanece em silêncio, e quando responde, é com palavras curtas. De vez em quando, aparece a “voz” de Cremilda, a avó, ora através dos diálogos indiretos livres de Luiza, ou diretamente, ensinando os segredos da profissão de prostituta para a filha. O domínio da palavra está com estes “narradores”, na medida em que se constituem como instância instauradora da narrativa. A voz de Luiza (filha de Cremilda e mãe de Mundoca) restaura a memória da mãe, da avó, constituindo-se como a subjetividade dominante no romance.

Estas personagens heróicas da modernidade periférica vivenciam a prostituição como um destino histórico, e uma condição humana, quase natural: “Juro, Mundoca, que pensei que só mulher da iguala de minha mãe tinha aquilo, que era como uma sina ou um castigo, uma espécie de marca. E eu fora atingida, minha vida seria igual à dela, quer quisesse ou não” (BR, p. 47). Elas põem o destino no prazer e no sofrimento, sonham uma vida melhor, onde a fatalidade da miséria e o poder deixassem de ser predestinação. No que se refere à procriação, não são diferentes das prostitutas metropolitanas: “Das estatísticas sobre a prostituição sabe-se que a mulher perdida tem orgulho em poder ser ainda honrada pela natureza com a maternidade, um desejo que não entra em conflito com o fato de que o incômodo e as deformações de tal honra não lhe sejam bem-vindas”³. Luiza sente orgulho da gravidez, e ante a ameaça do fim de uma geração de prostitutas, ela faz uma boneca, Ceci, objeto do desejo da continuidade da vida no cais velho, a continuidade do destino da prostituição, interrompido pela filha Mundoca.

³ Trecho de F. Th Vischer, *Moda e cinismo*, Stuttgart, 1878, p. 7, citado por BENJAMIN, Walter. Jogo e prostituição. In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 1. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v.3).

Às vezes, a menina pobre daquelas ribeiras se desvincula da sina, buscando heróicos sentimentos de liberdade e amor, que apagam, por um instante, a vergonha e a desonra de sua condição: “Livre naqueles quatro cantos da beira do rio, naqueles quatro cantos do barracão escuro. Ia ter um filho, ia ser mãe, era uma coisa que não podia medir, nem através da fala, do olhar dos outros, nem através do seu próprio sentir” (BR, p.68)..A inocência de menina é cultivada como um domínio sobre passagens naturais, onde os corpos se movimentam movidos pela paixão do sofrimento, e da camaradagem, um dos desdobramentos da subjetividade das periferias: “Inventava outra brincadeira: – o mundo parecia, por um breve instante, ser deles, coisa alguma os perturbava” (BR, p. 80). O rio é uma destas passagens dos corpos, trânsito da liberdade: “Dali de cima foi olhando o rio, sonhando com o rio, com as barcas carregadas, os navios espumando água” (BR, p. 84), objeto do prazer do “voyeur” da margem: “De cima da caixa d’água foi olhando o rio fervilhando de embarcações. Havia uma música própria no ambiente: gritos que pontuavam a tarde, o metálico das sinetas, o apito mais grosso de um navio-gaiola – os motores, as máquinas, do rio e do cais, tomavam parte naquele conjunto colorido. Subir para caixa d’água e tomar conta do rio, era o único lado suave do trabalho de Jessé, o paraíso do seu pequeno mundo” (BR, p. 86-87).

A idéia de ciclo, de ações que se repetem na duração do tempo, como a venda dos corpos das mulheres dos barracões aos marinheiros de água doce, e a outros que chegam de terras longínquas atravessa a narrativa. Assim a “fala” da avó Cremilda, na transmissão para a filha e neta, da cultura da predestinação da venda dos corpos, e os detalhes clandestinos da produção do prazer: “Ela dizia para mim, Mundoca: eu tinha que assegurar o seu futuro, não tinha? E toda vez que tocava nesse assunto dava uma gargalhada, entre outras palavras: o seu futuro, Luiza; o seu futuro. E gargalhava até chorar, como sempre chorava quando gargalhava do seu passado. Ela bem sabia qual seria o meu futuro, muito antes mesmo de me dizer que eu já podia pegar homem. Muito antes mesmo de eu ter nascido” (BR, p. 94).

Em *Beira rio beira vida*, Assis Brasil mobiliza a idéia de ciclo, para desconstruí-lo, porque no plano do enredo, a idéia de destino

histórico-antropológico da venda dos corpos femininos se encerra com a neta, Mundoca. Ela recusa a predestinação, indo trabalhar numa loja na cidade de Parnaíba, embora continue a morar com a mãe Luiza, no cais. Existe, deste modo, uma disjunção entre a subjetividade da neta e a “herança maldita” da avó e mãe, com a sua retirada da existência cíclica da prostituição, e conseqüentemente a dissociação antropocultural “mulher” / “rio”. Com isso, o autor interfere em um dos elementos formais da narrativa brasileira contemporânea, além de escrever um texto, em sintonia com o regional, o nacional/internacional da poética concretista. E, num gênero simultaneamente narrativo, dramático, dando conta da implosão da “idéia de ciclo”, num romance denso e sintético.